

COMUNIDADES RESILIENTES:

O caso da comunidade de pescadores do Pontal da Barra em Pelotas/RS

BRUNA DISCONZI MEOTTI¹
LÍGIA MARIA ÁVILA CHIARELLI²

¹Universidade Federal de Pelotas – brunameotti@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – biloca.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Em um cenário global de instabilidade, eventos extremos e alterações climáticas, como o aumento da temperatura média e do nível do mar, diminuição do período de chuvas, eventos meteorológicos severos e crises pandêmicas, são cada vez mais frequentes. As cidades se tornam mais afetadas por estas ocorrências por concentrarem a maior parcela da população mundial e somadas a urbanização se conduz a um caos generalizado (ONU, 2019).

Embora haja avanços científicos e tecnológicos e a difusão do conhecimento global, os desastres ainda ocorrem em grande escala. Localizada na esfera dos desastres naturais, as inundações são frequentes nos ambientes urbanos, com a maioria das cidades entrando em colapso a cada chuva mais intensa. Da mesma forma, as pandemias fazem parte da realidade de um mundo globalizado. A crise pandêmica que rapidamente se espalhou pelo mundo no início do ano de 2020, mostrou que a maioria das cidades não está preparada para suportar choques e eventos extremos. Dessa maneira, Siebert (2012) enfatiza a necessidade de as cidades continuarem operando durante os períodos extremos, se adaptando aos riscos e vulnerabilidades e sendo mais resilientes.

O conceito de Resiliência - originado da física - é aplicado aos ambientes urbanos se referindo à habilidade das cidades em resistir, absorver, acomodar-se e reconstruir-se diante dos eventos adversos em tempo hábil, preservando e restaurando suas estruturas e funções essenciais (UNISDR, 2019). Na prevenção a desastres de origem meteorológica, a resiliência se manifesta não no combate ao rio, mas através do aprendizado de como conviver com as inundações, adaptando seus estilos de vida e construindo ambientes adaptados a dinâmicas dos rios (LIAO, 2012).

Para pessoas que vivem em áreas vulneráveis, comunidades ou favelas, desprovidos de uma infraestrutura básica, a necessidade de desenvolver a resiliência torna-se mais urgente. Por esse ângulo, sentiu-se a necessidade de aprimorar respostas em relação ao modo como as cidades respondem a esses eventos extremos, relacionadas às percepções dos usuários e sua relação com o ambiente urbano. Diante disso, a pesquisa busca respostas na escala da comunidade, destacando características distintas do nível macro urbano.

Esta pesquisa, que se encontra em andamento, está inserida na linha de pesquisa Percepção e Avaliação do Ambiente pelo Usuário do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas e expõe as discussões abordadas na dissertação de mestrado iniciada no ano de 2019. O estudo apresenta como objetivo geral analisar como a resiliência urbana é desenvolvida em comunidades urbanas afetadas por desastres naturais de origem hidrológica e biológica, visando propor estratégias de planejamento urbano. Parte do pressuposto de que qualquer agrupamento social que apresente auto-

organização ou que seja autossustentável, pode exibir resiliência (KIRMAYER et al., 2009) e apresenta a seguinte hipótese: o senso de comunidade e o apego ao lugar são determinantes para a construção da capacidade de resiliência em comunidades, criando melhores condições para o enfrentamento de desastres o desenvolvimento próprio e das futuras gerações.

2. METODOLOGIA

A estratégia de pesquisa se dá através de um estudo de caso exploratório, desenvolvido sob o enfoque fenomenológico com abordagem metodológica qualitativa. Para essa finalidade será estudada a comunidade de pescadores do Pontal da Barra, localizada na praia do Laranjal em Pelotas/RS. Essa comunidade foi eleita para estudo de caso pela vulnerabilidade firmada pelas constantes inundações ocorridas no local e pela mesma apresentar características resilientes.

A comunidade está situada entre a Lagoa dos Patos e o canal São Gonçalo, com fundos para a Reserva Particular do Patrimônio Natural, a aproximadamente 14km do centro da cidade de Pelotas. O acesso terrestre é feito por uma via paralela à Lagoa dos Patos, que dá continuidade após o trapiche da praia do Laranjal, a Av. Dr. Antônio Augusto de Assunção (Figura 1).



Figura 1. 1) Centro do município de Pelotas. 2) Localização da comunidade Pontal da Barra. 3) Via de acesso em continuação da Av. Dr. Antônio Augusto Assunção. Fonte: Rodrigues (2017), Google Earth (2020), adaptado pela autora.

A fim de compreender as vivências dos moradores da comunidade do Pontal da Barra, a pesquisa utiliza os conceitos de Percepção Ambiental. A partir do referencial teórico adotado essa investigação tem como categorias de análise Percepção de Risco, Senso de Comunidade e Apego ao Lugar. As etapas da pesquisa compreendem: 1) revisão bibliográfica para compreender os problemas e desafios urbanos e de que forma a resiliência pode ser desenvolvida 2) observações do local de estudo, através de visitas exploratórias, registros fotográficos e entrevistas semiestruturadas com a população residente, embasados nos atributos de Percepção Ambiental 3) entrevistas com responsáveis técnicos (prefeitura de Pelotas, Defesa Civil e Ambientalistas) a fim de compreender o impacto da comunidade no local; e 4) análise das narrativas, apoiadas na revisão bibliográfica buscando identificar forças, fraquezas, oportunidades e ameaças que a localidade enfrenta. Os dados coletados foram classificados em quatro etapas que avaliam a capacidade de resiliência na comunidade do Pontal da Barra: 1-Vulnerabilidade física; 2-Vulnerabilidade Social; 3-Capacidade de resposta institucional; e 4-Capacidade de resposta local. A pesquisa encontra-se na fase de análise dos dados coletados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Pontal da Barra é uma área de transição entre a área continental e o meio aquático, caracterizada por banhados, campos inundáveis e charcos temporários. A comunidade situada no encontro da Lagoa dos Patos com o Canal São Gonçalo teve origem por pescadores artesanais que desempenhavam a pesca como meio principal de subsistência, sendo este local propício à pesca. Segundo informações colhidas junto à Secretaria Municipal de Habitação de Pelotas, no local existem aproximadamente 66 famílias e 135 moradores.

Pelo fato da maioria dos moradores trabalharem diretamente e indiretamente a pesca, a área é composta em sua maioria por residências unifamiliares, contando com alguns pontos de comércio, tal como uma pastelaria, bares e comércio de venda de pescado. As habitações são de madeira, alvenaria ou mistas, de uso residencial, comercial ou misto. As mais próximas da água são construídas sobre *pilotis*, possuindo atracadouros para pequenos barcos.

A comunidade não contempla equipamentos urbanos, sendo necessário o deslocamento da população até o Laranjal para utilizar esses serviços. A escola mais próxima fica a 2,43km, o posto de saúde à 3,12km, a Brigada militar à 2,77km e parada de ônibus a 2,14km. A infraestrutura urbana também carece de melhorias. O único acesso se dá pela via paralela à Lagoa dos Patos, a Avenida Dr. Antônio Augusto de Assumpção, que é pavimentada apenas até o término do calçadão no Balneário Valverde, após esse ponto não tem nenhum tipo de pavimentação.

A comunidade recebeu o fornecimento de energia elétrica em 2011, entretanto a iluminação pública só abrange a área com residências, não todo o percurso de acesso. O local conta com fornecimento de água e redes de comunicação, contudo ainda carece de esgotamento sanitário e drenagem.

Por se localizar muito próximo a água, a comunidade enfrenta frequentes inundações, ficando dias ilhados em períodos da alta da Lagoa. A última grande inundação ocorreu em 2015, afetando também parte do Laranjal. Nessa ocasião os moradores ficaram dias submersos com água, sem energia elétrica e a mercê de ter suas casas saqueadas se decidissem sair do local. Contudo, diferente do que poderia ser considerado pelo senso comum, a comunidade não se sente fortemente afetada. Ainda que convivam com problemas e dificuldades, os moradores afirmam não querer sair do local, pois dependem da pesca e de um lugar próximo a água para guardar seus equipamentos.



Figura 2. Enchente na comunidade do Pontal da Barra em 2019. Fonte: acervo da autora, 2019.

Hoje em Pelotas, quem presta o serviço de socorro em situações de desastre é a Defesa Civil, não havendo nenhum plano de contingência a desastres, ou seja,

em nível municipal a cidade não está preparada caso ocorra algum desastre. Em 2021 foi criada, na segunda gestão da Prefeita Paula Mascarenhas, a Assessoria de Resiliência e Desastres, com o intuito de antecipar os problemas causados por desastres através do conceito de resiliência de preparação, mitigação, enfrentamento e reconstrução.

A extensão total do Pontal da Barra abrange uma grande área de preservação permanente localizada entre o Canal São Gonçalo e o balneário da praia do Laranjal. A área é considerada fundamental para a conservação da biodiversidade e do patrimônio arqueológico da região por conter sítios arqueológicos e diversidade de fauna e flora, com mais de 500 espécies de animais, alguns deles em ameaça grave de extinção (SELMO; ASMUS, 2006).

Em entrevista com Antônio Carlos Soler, um advogado ambientalista, doutor em educação ambiental e militante do Centro de Estudos Ambientais (CEA), foi evidenciado que a inserção da comunidade no Pontal da Barra é de baixo impacto ambiental e que o ambiente pode suportar sua permanência. Contudo, grandes obras de engenharia (para impedir futuras inundações) teriam um impacto negativo na área, ocasionando a seca do banhado. Dessa maneira, um dos possíveis caminhos para o enfrentamento dos problemas de inundação se conduziu na união dos conceitos fundamentais em resiliência na aplicação de soluções baseadas na natureza, que em sumo se refere em gerenciar holisticamente a terra, a água e os recursos vivos, promovendo sua conservação, restauração e uso sustentável de forma equitativa.

4. CONCLUSÕES

Na resposta à gestão das águas, a resiliência conduz a uma relação saudável e sustentável com o meio ambiente. Uma comunidade urbana resiliente retorna às condições anteriores à crise com maior fortalecimento, através de sua organização estrutural.

Até o momento, com base nos dados coletados, pode-se considerar que a capacidade de resposta local que apresenta a comunidade do Pontal da Barra é um exemplo de comunidade que vive em situação de vulnerabilidade socioambiental, mas que vem construindo resiliência ao enfrentar as enchentes frequentemente, através de vínculos de pertencimento e afeto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KIRMAYER, Laurence J, et al. **Community resilience**: Models, metaphors and measures. *International Journal of Indigenous Health*, v. 5, n. 1, p. 62, 2009

LIAO, Kuei-Hsien. **A theory on urban resilience to floods**—a basis for alternative planning practices. *Ecology and society*, v. 17, n. 4, 2012.

ONU. **Além do rendimento, além das médias, além do presente**: Desigualdades no desenvolvimento humano no século XXI. Relatório do Desenvolvimento Humano 2019.

SIEBERT, Claudia. **Resiliência Urbana**: Planejando as Cidades para Conviver com Fenômenos Climáticos Extremos. In: VI Encontro Nacional da Anppas, Belém, 2012.

UNISDR. **Como Construir Cidades Mais Resilientes**: Um Guia Para Gestores Públicos Locais (2005–2015). Genebra, 2012.